

A favela tá bombando: o processo de midiaticização da periferia *

Guaciara Freitas **

Resumo: Apresento aqui, algumas reflexões sobre os esforços de absorção periferia-mídia /mídia-periferia, articulados em um processo de circulação midiática motivado por interesses mútuos, pois a mídia necessita dos elementos do mundo “real” para alimentar sua inscrição e as periferias, bem como os diversos setores da sociedade, buscam espaços de expressão e visibilidade, cientes de existirem em um ambiente social em via de acelerada midiaticização. Nesta abordagem considero também a relação entre as lógicas de produção acionadas por movimentos sociais urbanos ao empreenderem ações culturais nas periferias das grandes cidades e as lógicas de produção da mídia . Enfatizo que esta relação não é aqui observada pelo ângulo bidirecional da produção e da recepção, mas por uma perspectiva sistêmica de interação social.

Palavras-chave: midiaticização, periferia, dispositivos sociais

Investigo como as práticas culturais desenvolvidas ou (re)organizadas nas periferias, principalmente pelos movimentos sociais urbanos¹, participam do engendramento de um processo de midiaticização. As negociações entre a periferia e a mídia geram visibilidade a algumas dessas práticas, que acionam e fazem circular consigo uma determinada imagem de favela, pobreza, engenhosidade, criatividade, alegria e até mesmo de cotidiano.

Considero que desde o momento em que são forjadas no âmbito das interações sociais da favela ou da cidade periférica, essas ações culturais organizadas por associações de bairro, centros culturais comunitários, ONG's etc. são impregnadas de gestos interpretativos relacionados a dispositivos midiáticos. Dizer isso não significa acreditar em uma ação fagocitante da mídia em direção às produções culturais geradas na periferia, nem reconhecer a existência determinante de um a sobre a outra.

* Texto apresentado à Rede Prosul de Pesquisa “Comunicação Sentido e Sociedade - Implicações dos meios de comunicação nas transformações nas práticas sociais na América Latina”, realizado no período de 10 a 12 de outubro de 2007, no campus da Universidade do Vale do Rio dos Sinos , São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil .

** Jornalista e professora, doutoranda do Programa de Pós -Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, bolsista CAPES. Endereço: rua Jarí, 688. Ap. 201. Passo D'areia. CEP. 91. 350 - 170. Porto Alegre/RS. E-mail: guacifreitas@yahoo.com.br

¹ Em artigo sobre Comunicação e Cidade, Martín-Barbero refere-se a *novos movimentos urbanos*. Não emprego tal denominação, mas reconheço a pertinência da definição por ele apresentada na tentativa de distinguir esses movimentos de outros. Para ele “se constituem ao mesmo tempo a partir da experiência cotidiana, do desencontro entre demandas sociais e instituições políticas e da defesa de identidades coletivas, de formas próprias de comunicação. (...) Os novos movimentos urbanos enfrentam a cidade feita de fluxos e informações, com uma forte dinâmica de re -territorialização das lutas, de redescoberta de territórios como espaços vitais para a cultura”(MARTÍN -BARBERO, 1998,p.08.)

Em sentido diverso ao de mera apropriação ou imposição por parte da mídia, o acionamento desse processo de midiática parece ser operacionalizado como um movimento em via de mão dupla: as práticas culturais, configuradas a partir das necessidades e experiências fundamentadas na vivência do lugar de fala marginalizado, requerem a visibilidade midiática para ingressar em outros níveis de existência e reconhecimento, necessários a sua eficácia até mesmo enquanto produto cultural se for este o caso.

Por outro lado é ingênuo supor que o discurso na mídia a respeito dos espaços e agentes urbanos, freqüentemente “não autorizados” a produzir e pôr em circulação práticas culturais, se construiria sem que as ações e elaborações dos movimentos sociais houvessem produzido práticas e discursos culturais capazes de ampliar a visibilidade ao abrangerem espaços públicos que extrapolam os quintais familiares (YÚDICE, 1994, p.6-7).

Os estudos de Ciências Sociais apontam para o surgimento, desde os anos de 1980, de movimentos sociais mais claramente envolvidos com as questões culturais, que começaram a ser identificados como “novos” movimentos sociais. Eles passaram também a contribuir para formas novas de sociabilidade, principalmente ao adotarem estratégias coletivas de mobilização e engajamento vinculadas à cultura, como se evidencia, entre outros casos, nos movimentos afro-brasileiros. Chama atenção ainda o fato de tais movimentos sustentarem-se em verdadeiras redes interpessoais da vida cotidiana, além de configurarem novos vínculos interorganizacionais, político-culturais e institucionais com outros movimentos e com múltiplos atores e espaços, expandindo-se para muito além das comunidades.

Retomar esta concepção das Ciências Sociais pode ajudar a compreender parte do contexto social-midiático² no qual observamos a ampliação significativa do espaço de visibilidade da periferia na mídia e principalmente a ampliação de significações sobre a periferia que se tornaram publicizadas. Se em períodos anteriores, a presença da periferia na mídia, sobretudo no cinema, era marcada quase exclusivamente pela temática da violência e hoje o processo de midiática se realiza de modo muito diferente não só pela temática como pelo *modus operandi*, é viável pensar sobre como isso pode guardar relação com o fato dos movimentos sociais terem gerado redes, que

² O uso deste termo revela a opção por um viés que, ao reconhecer o processo de midiática da sociedade, não concebe a sociedade apartada da mídia e vice-versa, ou seja, também não considera a mídia em uma outra dimensão, que não a sociedade na qual e da qual se nutre e a qual atravessa.

favoreceram a circulação de ações e produtos culturais , de certo modo independentes do sistema de difusão da grande mídia.

Reconhecer a tessitura e o funcionamento dessas redes interpessoais, institucionais, interorganizações não implica enxergá-las em uma dimensão extra-midiática, mas percebê-las como pontos de fortalecimento da existência de movimentos e práticas que explodiram na mídia, como o funk e o hip-hop, além de atores, ou melhor, grupos de atores formados em projetos criados nas favelas, geralmente por ONG's capitaneadas por pessoas ligadas à produção artística: atores, diretores, produtores de cinema, tv e teatro.

Assim, não é por acaso, nem por concessão da mídia que acontece esse fenômeno de intensa midiaticização da periferia. É nesse sentido que penso tal processo em parte ativado por pressões geradas pela periferia. Não concebida no âmbito de uma recepção ativa, tampouco limitada à dimensão produtora, mas em um sistema de interação social sobre a mídia, ou como esclarece José Luiz Braga:

*Com a proposta de um terceiro sistema de processos midiáticos, assinalamos mais uma contraposição às relações “simples” entre produto e usuário. A sociedade se **organiza** para tratar a própria mídia, desenvolvendo dispositivos sociais com diferentes graus de institucionalização, que dão consistência, perfil e continuidade a determinados modos de tratamento, disponibilizando e fazendo circular esses modos no contexto social. A própria interação com o produto circula, faz rever, gera processos interpretativos (BRAGA,2006,p.36).*

Para analisar alguns aspectos desse processo de midiaticização da periferia alinhado à proposição de um sistema de interação social sobre a mídia, realizo a construção de um objeto empírico específico . Volto-me para uma espécie de programa dois em um, exibido pela TV Globo de abril a novembro de 2006, agora apresentado em nova fase e formato desde o dia 09 de setembro de 2007. Em 2006 tratava -se do programa “Central da Periferia”, exibido nas tardes de sábado, e do quadro “Minha Periferia”, inserido na tele-revista dominical “Fantástico”. Agora, em 2007 há uma fusão, inclusive no nome, que passou a ser “Central da Periferia – Minha periferia é o Mundo”, e a exibição ficou restrita ao “Fantástico”.

“Central da Periferia” foi idealizado pelo antropólogo Hermano Vianna, a atriz -apresentadora/apresentadora-atriz Regina Casé e o diretor Guel Arraes. Em 2006 o programa tinha uma produção de criação da TV Globo e uma produção operacional feita pela Pindorama Filmes, produtora de Estevão Ciavatta, marido de Regina Casé. “Minha Periferia”, por sua vez, era uma produção exclusiva da Pindorama Filmes. Apesar de trabalharem sobre uma mesma temática , serem apresentados pela mesma

pessoa e à primeira vista, serem estruturados segundo as mesmas lógicas, “Central da Periferia” e “Minha Periferia” carregam marcas suficientes para distingui-los:

“Central da Periferia” focaliza a divulgação da produção musical da periferia, do funk carioca ao tecnobrega paraense. É apresentado como grande show ao ar livre. Na transmissão televisiva o show é intercalado com depoimentos de representantes da *comunidade* (é esta a denominação que vigora plenamente na fala dos moradores das favelas para identificar o lugar) e da “cultura local”. A gravação dos shows requereu uma produção interventora nos locais, com apoio técnico das afiliadas da TV Globo e das prefeituras das capitais brasileiras em que foi gravado: Recife, Porto Alegre, Belém, São Paulo, Salvador, Fortaleza e Rio de Janeiro.

A criação e exibição de “Central da Periferia” incorpora um emblema identitário ao enfatiza o valor das produções coletivas, marcadas pelos “sucessos”, principalmente musicais, que nasceram na periferia, repercutiram intensamente na periferia e se tornaram reconhecidos para além das áreas periféricas, graças ao consumo e apreciação por parte dos próprios sujeitos do *lugar* periferia. Em “Minha Periferia” a abordagem do coletivo era feita por outra lógica: a história de vida dos indivíduos que conseguiram romper com as determinações sócio-econômicas perversas de uma realidade de periferia, impregnada de elementos nefastos como miséria e violência.

Assim o formato e, porque não dizer, a lógica produtiva são diferentes. Concentrado nas favelas dos morros do Rio de Janeiro, o foco era a entrevista, mas um tipo de entrevista bem ao estilo de Regina Casé (que rompe com estética barbie da televisão e remete à presença de formas populares). Ela caminha com o entrevistado pelos trajetos da periferia que ele costuma ou costumava fazer e ao seguir esses trajetos com o entrevistado, morador ou ex-morador da favela transformado em celebridade, Regina Casé leva os telespectadores à vida cotidiana das periferias. Mas um cotidiano sem polícia e sem bandido. A apresentadora entra nas casas das pessoas, conversa, compra coisas pra comer na rua, come, enfim parece a midiatização das mediações, num gênero de não-ficção. Em todos os programas a assinatura de encerramento era feita pelo entrevistado, assumindo orgulhosamente aquela periferia como dele.

Podemos inferir que a negociação entre as lógicas do sistema de produção e os sujeitos organizados da periferia, se dá ancorada na percepção de que a cultura, além de manter as suas características produtivas, agora vai se adequando a uma lógica midiatizada, aportada na publicização e visibilidade. Indica também uma intenção de interação, integrações culturais, que são trazidas para o interior das práticas, montando

um mapa que ao mesmo tempo em que mostra desterritorialização, apresenta a emergência de uma experiência cultural nova, que não deixa de acionar o lugar. Os vestígios dessa concepção se fazem mais presentes na versão do(s) programa(s), que começou a ser veiculada em setembro de 2007 com seqüência de oito semanas, pois neste caso o mundo é a periferia e a “minha” periferia é o mundo. O programa tornou-se internacional e mostra como os produtos e práticas culturais das periferias brasileiras circulam (em sentido de valor simbólico e bem de consumo), nas periferias de Angola ou da Cidade do México, por exemplo.

É importante observar que na essência do processo de produção, de ambos os programas, tanto em 2006 como agora, reside um elemento comum e permanente, a recorrência à periferia como um espaço de saberes, de realizações criativas, de “centralidades”, num movimento diverso daquele que a relaciona a um mundo degradante. Refletir sobre o processo que gera a publicização deste olhar e tudo o que dele advém, requer entre outras coisas, levar em conta as estratégias estabelecidas pelos movimentos sociais nessa configuração.

Uma análise orientada pelo sistema de produção, reconhecendo o poder determinante ou a capacidade de apropriação desse sistema, afirmaria que o discurso midiático constrói a sua retórica obedecendo a especificidades inscritas na lógica social do consumo e desta forma se apropria e reproduz, fazendo predominar seu próprio significado de cultura-produto “popular”, deixando para trás algum sentido histórico e/ou reivindicatório dos movimentos sociais. Já a opção por um encaminhamento do sistema de recepção levaria a constatação de que a audiência de hoje assiste à peculiaridade que caracteriza o local, este lado diferente das culturas locais oferecidas pela mídia como se trouxesse consigo o lastro do autêntico e ao mesmo tempo os atores/público do local, desejam se ver integrando um painel cultural maior, que entre para o Brasil, para o mundo, pela via dos meios de comunicação de massa.

Penso que compreender os atravessamentos midiáticos na espessura das interações cotidianas da convivência, tal como sugere a observação de “Central da Periferia” e “Minha Periferia”, requer de fato uma visada pelo ângulo do terceiro sistema. É necessário considerar a emergência desses programas vinculada à lógica de um sistema de resposta social, por meio do qual a sociedade aciona dispositivos sociais para agir sobre a mídia, como propõe José Luiz Braga³. A produção de programas como

³ Cf. BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia; dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.

“Central da Periferia” e “Minha Periferia” evidencia de fato o acionamento de dispositivos sociais, “desenvolvidos no próprio ambiente de interações da sociedade”, mas neste caso os dispositivos não correspondem a um lugar estabelecido com o propósito específico de realizar a crítica da mídia. Vistos de passagem não são deste modo dispositivos de crítica, não se constituem estritamente como fóruns de debates, produtos ou pontos destinados a esse fim.

Mas a um olhar mais aproximado, revela-se um movimento mais sutil de realização da crítica, engendrada inclusive no processo de aprendizagem sobre o aparato tecnológico midiático, tanto no que se refere aos equipamentos, quanto no que se relaciona à linguagem. Assim, quando se desenvolve o processo comunicacional cujo “produto” resultante e circulante é um programa na periferia, os sujeitos, tradicionalmente situados no sistema de recepção, não assumem mais este papel, pois também eles foram capacitados, para além de seus talentos natos, formalmente para atuar diante das câmeras de TV.

Em cima do morro, além do funk, do tráfico e da pobreza, tem movimentos organizados como a CUFA (Central Única das Favelas), que têm projeção, poder. Essa organização dos movimentos sociais ativa as relações e pressões geradoras de práticas culturais. Refiro-me com ênfase, àqueles cuja mobilização infunde significados culturais, e que são engendrados por “pobres e marginalizados, para quem o primeiro objetivo da luta é amiúde demonstrar que são pessoas com direito, de forma a recuperar sua dignidade e estatuto de cidadãos e até de seres humanos” (ALVAREZ, 2003,p.21).

Chegaram então, nas periferias, os cursos de encenação, de expressão corporal, de edição, de filmagem, de rádio, locução etc. E mesmo quando essa formação não chega por um meio mais institucionalizado, os moradores, que não contam com o saneamento básico, têm dentro de casa um computador com recursos para gravar, plugar, editar os sons e/ ou as imagens que lhe interessam. Essa realidade é justamente a base do discurso construído e midiaticizado em “Central da Periferia” e “Minha Periferia”. Não se trata portanto, de um lugar onde os cidadãos que vivem nas periferia encontrem a ambiência propícia à discussão, ao debate sobre a mídia, mas de um nível de crítica que os possibilita agir midiaticamente.

As percepções que o objeto empírico sobre o qual trabalho me leva a ter, podem estimular uma discussão valorativa a respeito disso que chamo de ação midiática da periferia sobre a mídia. Não creio que seja caso de julgar que o processo de midiaticização da periferia seja melhor em “Minha Periferia” do que no filme Cidade de

Deus, por exemplo. Não se trata de discutir nem mesmo sobre a imagem de favela que está sendo visibilizada, mas, sobretudo atentar para os mecanismos, negociações, procedimentos que têm possibilitado essa visibilidade.

Se em “Minha Periferia”, Regina Casé passeia pela favela com os artistas nascidos e criados nos morros cariocas tão naturalmente como se não houvesse nem pré-produção, nem uma parafernália de equipamentos acompanhando o trajeto percorrido, não significa que a realização do gênero “periferia criativa” se dê sem negociações, concessões, trocas no interior de um sistema que não é estritamente produtor, nem estritamente receptor.

Considero um indício, o fato de “Minha Periferia” não ter uma produção em parceria com a TV Globo, como ocorreu com “Central da Periferia” e acontece agora com “Central da Periferia – Minha Periferia é o Mundo”, pois repercute sobre a elaboração discursiva dos “Central...”, que não deixa de ser alinhada ao espetáculo, ao show para as multidões, sem muito espaço para a reflexão, o diálogo, a crítica. Também acho importante levar em conta na análise desse objeto empírico em construção, quem são as pessoas idealizadoras, no sistema da produção, desses programas. O principal deles é o antropólogo Hermano Vianna, que desde os anos de 1980 começou a se interessar pela periferia e suas práticas culturais.

Deste modo, concordemos ou não com as concepções que nutrem a idéia de periferia expressa nos programas, ela é explicitada nas falas da apresentadora, na fala dos entrevistados e desde o início do projeto, em um texto divulgado para apresentar o “Central da Periferia”, quando da estréia do programa na TV Globo, Hermanno Vianna escreveu:

Não tenho dúvida nenhuma: a novidade mais importante da cultura brasileira na última década foi o aparecimento da voz direta da periferia falando alto em todos os lugares do país. A periferia se cansou de esperar a oportunidade que nunca chegava, e que viria de fora, do centro. A periferia não precisa mais de intermediários (aqueles que sempre falavam em seu nome) para estabelecer conexões com o resto do Brasil e com o resto do mundo. Antes, os políticos diziam: "vamos levar cultura para a favela." Agora é diferente: a favela responde: "Qualé, mané! O que não falta aqui é cultura! Olha só o que o mundo tem a aprender com a gente!"

De fato não é meu interesse avaliar a quem interessa tal concepção norteadora, mas vejo o quanto ela se materializa no processo de mediação que me proponho a analisar. Deste modo, tento me distanciar de juízos de valor também sobre a qualidade

dos dispositivos acionados pela periferia nessa processualidade midiática, mas reconheço que para seu bem ou para seu mal, a favela ‘tá bombando’.

Referência Bibliográfica

- ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo.(Orgs.) *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- ARGULLOL, Rafael. *A cidade turbilhão*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro,n.23,p.58-68,1994.
- BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.
- MATA, Maria Cristina. *De la cultura massiva a la cultura midiática*. Diálogos de la comunicación. Lima: FELAFACS, s/d. p. 80-91.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às Mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- _____. *Comunicação e Cidade: entre Meios e Medos*. Revista Novos Olhares. ECA/USP, nº1, jan/jun de 1998.
- RODRIGUES. Adriano. A autonomização do campo dos media. In: REVAN, Raimundo Santana (org.). *Reflexões sobre o mundo contemporâneo*. Teresina: UFPI, 2000. p. 199-215.
- VIANNA, Hermano. *Central da Periferia – texto de apresentação*. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/perfis/hermano-vianna>. Data de acesso: jun/2007.